

INTRODUÇÃO

Como em anos anteriores, em 2009 a prova de Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa procurou avaliar a relação do candidato com diferentes aspectos da linguagem.

As questões de Língua Portuguesa focalizaram o funcionamento da linguagem, a fim de avaliar o conhecimento relativo aos processos de significação e às várias possibilidades de formulação da escrita.

Já as questões de Literatura voltaram-se para a análise literária, com o intuito de avaliar a leitura e a interpretação das obras constantes da lista divulgada previamente.

Nas páginas que se seguem, apresentamos as questões da prova desse ano, acompanhadas das respostas esperadas e de dois exemplos de resoluções – um que obteve nota abaixo da média e outro que recebeu nota acima da média –, com os comentários da banca elaboradora. Esperamos que o candidato, tendo acesso a esse material, possa fazer uma análise minuciosa da prova e tenha uma compreensão mais profunda dos critérios de correção que regem uma prova dissertativa como a da Unicamp.

Pretendemos também mostrar que a correção, embora norteada por critérios preestabelecidos, busca contemplar diversas maneiras de formulação das respostas esperadas. A grade de correção proposta pela banca elaboradora não se pretende definitiva. Ela é adaptada, de modo a incluir respostas que, embora não tenham sido previstas inicialmente, se mostrem adequadas aos objetivos propostos pelas questões.

1. Leia os seguintes artigos do Capítulo VIII do novo Código Civil (Lei no. 10.406, de 10 de janeiro de 2002):

Art. 1.548. É nulo o casamento contraído:

- I – pelo enfermo mental sem o necessário discernimento para os atos da vida civil;
- II – por infringência de impedimento.

(...)

Art. 1.550. É anulável o casamento:

- I – de quem não completou a idade mínima para casar;

(...)

VI – por incompetência da autoridade celebrante.

- a) Os enunciados que introduzem os artigos 1.548 e 1.550 têm sentido diferente. Explique essa diferença, comparando, do ponto de vista morfológico, as palavras *nulo* e *anulável*.
- b) Segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001), *infringência* vem de *infringir* (violar, transgredir, desrespeitar) + *ência*. Compare o processo de formação dessa palavra com o de *incompetência*, indicando eventuais diferenças e semelhanças.

Resposta Esperada

a) (2 pontos)

No artigo 1.548, o casamento é considerado inexistente, isto é, sem efeito, desde que ocorram as condições arroladas. Já no artigo 1.550, o casamento é passível de ser tornado sem valor, desde que solicitado e observadas determinadas condições. Essa diferença é produzida pelo acréscimo do sufixo *-ável* (que tem o sentido de possibilidade de praticar ou sofrer uma ação) ao verbo *anular*. Com isso, *anulável* tem o sentido de “aquilo que pode ser anulado”, implicando assim a possibilidade de realização de um processo. Já em *nulo*, a idéia de processo inexistente, pois o seu sentido é de um evento sem validade. Portanto, conforme o artigo 1548, o casamento não se realiza juridicamente; pelo artigo 1550, o casamento é dado como realizado, porém, é passível de anulação.

b) (2 pontos)

Diferentemente de *infringência*, palavra formada a partir de *infringir* por meio do acréscimo do sufixo *-ência* (que transforma um verbo em substantivo), *incompetência* apresenta um processo suplementar, já que inexistente o verbo *incompetir*. O verbo *competir* recebe igualmente o sufixo *-ência* e, posteriormente, a palavra formada (*competência*) recebe o prefixo *in-*, produzindo o sentido de 'ausência de competência'.

Espera-se que o candidato seja capaz de perceber a relação entre *competência*, *incompetência* e o verbo *competir* (que, nessa relação específica, tem um sentido associado ao de atribuição, menos usual do que aquele associado a rivalidade e competições).

Não se espera, por outro lado, que o candidato faça qualquer consideração de ordem etimológica sobre *fringir* como um eventual radical latino. Como falante da língua, ele dispõe do conhecimento sincrônico de que *fringir* não é um radical de verbo existente.

Não se cobrará o uso de metalinguagem na referência aos fenômenos aqui mencionados.

Exemplo Acima da Média

a) Na introdução dos artigos 1548 e 1550 observa-se a diferença entre os sentidos dos enunciados, provocada pelo uso, no primeiro, do termo "nulo" e pelo termo "anulável", no segundo. Os "nulo" e "anulável" partam o mesmo radical, porém há a adição de um prefixo (a-) e de um sufixo (-vel) no segundo termo. Assim, transmite-se o sentido de "passível de anulação" para o segundo, enquanto o primeiro é automaticamente inválido.

b) Tanto em "infringência" quanto em incompetência, há o sufixo -ência, formador de substantivos. Entretanto, em *infringência* adiciona-se somente o sufixo (derivação sufixal), diferentemente do que ocorre em *incompetência*, formo termo formado a partir de derivação parassintética, com adição simultânea de prefixo (in-) e de sufixo (-ência) ao radical do verbo *competir*.

Exemplo Abaixo da Média

a) O enunciado do artigo 1548 é diferente do enunciado do artigo 1550 porque não considera a hipótese de manutenção do casamento contraído em determinadas situações, ele o considera nulo. Já o segundo enunciado, por considerar anulável o casamento em determinadas situações, cria a possibilidade de o casamento se manter ou de ser anulado; ele determina tais casamentos como passíveis de anulação; há a possibilidade, não a obrigatoriedade, como no primeiro artigo.

b) A palavra *infringência* é um substantivo derivado do verbo *infringir*; já *incompetência* é um substantivo derivado do adjetivo *incompetente*. Ambas as palavras são substantivos com o sufixo *-ência*; mas não derivadas de palavras de classes diferentes.

Comentários

O item **a** pedia a explicação da diferença de sentido entre os dois artigos do Código Civil, a partir da comparação morfológica entre as palavras *nulo* e *anulável*. No primeiro artigo, o casamento não é considerado válido, enquanto no segundo existe a possibilidade de sua anulação. Essa diferença se deve à palavra *anulável*, que carrega em seu sufixo *-ável* a idéia de ‘possível, passível de’, não existente em *nulo*, que traz a idéia de um evento acabado e sem validade. Muitas respostas conseguiram explicar a diferença de sentido entre os dois artigos da lei, mas não através de sua morfologia, tendo recebido apenas metade dos pontos desse item (como pode ser visto no exemplo abaixo da média). Outros candidatos deram a classificação morfológica das duas palavras, e disseram que *nulo* e *anulável* eram adjetivos, não tendo assim explicado a diferença de sentido através da morfologia, como pedia o enunciado. No item **b** era fundamental que o candidato percebesse, mesmo sem usar termos técnicos em sua resposta, que as duas palavras passaram por processos de formação diferentes, sendo que *incompetência* possui uma etapa a mais. Para *infringência* temos o verbo *infringir* mais o sufixo *-ência*, e para *incompetência* temos o prefixo *in-* mais o verbo *competir* mais o sufixo *-ência*. Esperava-se também a indicação de uma semelhança ou uma diferença entre as duas palavras, que poderia ser a presença de *-ência* nas duas palavras ou a presença de *in-*, que só é prefixo em *incompetência*. O equívoco mais cometido foi não perceber que *incompetência* vem do verbo *competir*, considerando o processo de formação das duas palavras como igual, com as duas palavras classificadas como substantivos e ambas contendo o sufixo *-ência*. Essa questão pode ser considerada difícil, com um baixo índice de notas máximas, principalmente por conta do aspecto morfológico, não contemplado por muitos candidatos.

2. Reportagem da *Folha de São Paulo* informa que o presidente do Brasil assinou decreto estabelecendo prazos para o país colocar em prática o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que unifica a ortografia nos países de língua portuguesa. Na matéria, o seguinte quadro comparativo mostra alterações na ortografia estabelecidas em diferentes datas:

Após as reformas de 1931 e 1943:	Êles estão tranqüilos, porque provavelmente não crêem em fantasmas.
Após as alterações de 1971:	Eles estão tranqüilos, porque provavelmente não crêem em fantasmas.
Após o novo acordo, a vigorar a partir de janeiro de 2009:	Eles estão tranquilos, porque provavelmente não creem em fantasmas.

Sobre o acordo, a reportagem ainda informa:

As regras do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que entram em vigor no Brasil a partir de janeiro de 2009, vão afetar principalmente o uso dos acentos agudo e circunflexo, do trema e do hífen. Cuidado: segundo elas, você não poderá mais dizer que foi mordido por uma jibóia, e sim por uma jiboia. (...)

(Adaptado de E. Simões, “Que língua é essa?”. *Folha de S.Paulo*, Ilustrada, p. 1, 28/09/2008.)

a) O excerto acima supõe que alterações ortográficas modifiquem o modo de falar uma língua. Mostre a palavra utilizada que permite essa interpretação. Levando-se em consideração o quadro comparativo das mudanças ortográficas e a suposição expressa no excerto, explique o equívoco dessa suposição.

Ainda sobre a reforma ortográfica, Diogo Mainardi escreveu o seguinte:

Eu sou um ardoroso defensor da reforma ortográfica. A perspectiva de ser lido em Bafatá, no interior da Guiné-Bissau, da mesma maneira que sou lido em Carinhonha, no interior da Bahia, me enche de entusiasmo. Eu sempre soube que a maior barreira para o meu sucesso em Bafatá era o C mudo [como em facto na ortografia de Portugal] (...)

(D. Mainardi, “Uma reforma mais radical”. Revista *VEJA*, p. 129, 8/10/2008.)

b) O excerto acima apresenta uma ironia. Em que consiste essa ironia? Justifique.

Resposta Esperada

a) (2 pontos)

A palavra a ser mostrada é *dizer*. O equívoco reside na concepção de que mudanças ortográficas afetam o modo de falar das pessoas. O quadro comparativo é um bom exemplo de que diferentes formas ortográficas não alteraram a pronúncia das palavras.

É importante salientar que a normatização ortográfica que rege a escrita não implica mudanças na língua falada, seja no Brasil, seja em outros países que adotam a língua portuguesa. Em outras palavras, a unificação ortográfica não afeta as diferenças sintáticas, fonológicas, semânticas, etc. observadas entre as diferentes línguas portuguesas.

b) (2 pontos)

A ironia consiste no pressuposto de que a unificação ortográfica bastaria para promover uma maior inserção geográfica das publicações em português. Ou seja, indica-se ironicamente que há problemas muito mais sérios de acesso à escrita do que as eventuais diferenças na forma de grafar uma dada palavra. Essa ironia é construída por meio de uma alusão a duas cidades, pouco conhecidas, em regiões com dificuldade em múltiplos aspectos (sociais, econômicos, etc.). A escolha dos nomes de ambas as cidades também contribui na construção da ironia, uma vez que sua forma gráfica e sonora remete a relações específicas da história da língua no país colonizado (Brasil e Guiné-Bissau). Mesmo que não saibamos especificamente seu significado, temos uma memória de língua que nos faz remeter 'Carinhonha' a uma língua indígena e 'Bafatá' a uma língua africana ou, ao menos, as tomamos como palavras estranhas à língua portuguesa. A ironia está presente também na afirmação do autor do excerto de que é "um ardoroso defensor da reforma ortográfica", ou ainda, de que a maior barreira para o seu sucesso seria o C mudo.

Exemplo Acima da Média

a) A palavra utilizada é "dizer". Apesar da reforma ortográfica, a pronúncia das palavras não se modificou. As alterações de 1971, por exemplo, retiraram o acento circunflexo da palavra. Oles, mas a ~~pronúncia~~ pronúncia desta palavra não se modificou. O equívoco dessa suposição está ~~(no fato)~~ na confusão feita pelo jornal entre a linguagem oral e a linguagem escrita.

b) A ironia criada por Diego Mainardi consiste em afirmar que a ~~maior~~ maior barreira para a difusão da cultura entre os países de língua portuguesa é a ortografia diferente. Mas fica pressuposto ao leitor e ao próprio escritor que há muitos impedimentos mais importantes, como o acesso à leitura.

Exemplo Abaixo da Média

a) A palavra usada no excerto que indica a mudança na língua falada é *jibóia*. A retirada da acentuação na escrita da língua portuguesa não afetará na fala.

b) Mainardi usa da ironia para mostrar que a Reforma Ortográfica em nada mudará a ortografia da língua portuguesa.

Comentários

O item **a** comentava o equívoco encontrado no artigo do jornal, o de que as modificações ortográficas trariam mudanças na fala também, e perguntava qual era a palavra que permitia essa interpretação e por que tal interpretação estava equivocada. Muitos candidatos escolheram a palavra *jibóia*, mostrando uma leitura desatenta do enunciado da questão, já que tal palavra foi utilizada para ilustrar uma das novas regras do acordo ortográfico, mas não era a justificativa do equívoco, que foi causado pelo uso da palavra *dizer*, sugerindo que as palavras escritas pela nova regra também seriam ditas (faladas, pronunciadas) de maneira diferente. Já a segunda parte do item, que era explicar por que tal suposição é equivocada, foi respondida corretamente por muitos candidatos, amparados pelo quadro comparativo que acompanhava essa questão, ao perceberem que alterar a escrita das palavras não modifica sua pronúncia (como pode ser visto no exemplo acima da média). No item **b** era necessário identificar a ironia no texto de Diogo Mainardi e justificá-la. Os candidatos saíram-se melhor na primeira parte da questão, reconhecendo o comentário irônico na afirmação de que uma reforma ortográfica seria suficiente para unificar a língua falada em diferentes países. Também foram consideradas ironias o fato de o autor se dizer um ardoroso defensor da reforma e a afirmativa de que o *C mudo* seria a barreira para o seu sucesso. Um equívoco provocado por uma leitura desatenta foi procurar a ironia no primeiro texto, o retirado da *Folha de S. Paulo*, ignorando completamente o enunciado da questão. Outra inadequação foi afirmar que o *C mudo* não estava contemplado no acordo ortográfico. Já a explicação da ironia passava pelo fato de que há diferenças de outros níveis, e mais profundas, que impedem uma real unificação lingüística (a situação sócio-econômica dos locais citados por Mainardi, a falta de acesso à leitura, à educação, etc.). Essa foi uma questão difícil para os candidatos, por conta da escolha equivocada da palavra *jibóia* por muitos no primeiro item, e pela falta de explicação da ironia (ou explicações equivocadas) no item **b**, em que muitas respostas se limitaram apenas a identificar a ironia, sem explicá-la.

3. É sabido que as histórias de Chico Bento são situadas no universo rural brasileiro.



Copyright © 2000 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

6966

- Explique o recurso utilizado para caracterizar o modo de falar das personagens na tira.
- É possível afirmar que esse modo de falar caracterizado na tira é exclusivo do universo rural brasileiro? Justifique.

Resposta Esperada

a) (2 pontos)

O recurso utilizado é a transgressão da ortografia ou, dito de outra forma, o uso da grafia como transcrição da fala; ou seja, a tira apresenta uma forma de escrita que tenta reproduzir a fala das personagens.

Esse recurso pode ser exemplificado de três maneiras: troca da consoante *l* por *r* (como em *prantando*); supressão da vogal na proparoxítona (como em *árv[õ]re*), processo muito comum na fala; e troca da vogal *e* por *i* (como em *di* e *isperança*).

b) (2 pontos)

NÃO. Os fenômenos representados na tira encontram-se também em regiões urbanas e não refletem, necessariamente, escolaridade ou classe social do falante.

Por exemplo, a troca da consoante *l* por *r* é um processo bastante recorrente nas regiões urbanas. A supressão da vogal em palavras proparoxítonas (*xicara*, *abóbora*, etc.) faz parte de um processo fonológico amplamente presente no português brasileiro de forma geral. Finalmente, a elevação da vogal átona (*e* → *i*) é uma marca de diferenciação regional e não de oposição rural/urbano.

Não se cobrará o uso de metalinguagem na referência aos fenômenos aqui mencionados.

Exemplo Acima da Média

a) As palavras na tira são grafadas de acordo com sua pronúncia.

b) O modo de falar caracterizado na tira não é exclusivo do universo rural brasileiro.

É comum no momento da fala a vogal "e" ser substituída por "i" na preposição "de", como ocorre em "di goiaba". Tal situação está presente também na cidade e não apenas no meio rural.

Exemplo Abaixo da Média

a) Utilizou-se de uma variante linguística regional, caracterizada pela troca do fonema /l/ pelo fonema /r/, em alguns casos, e também do fonema /e/ pelo /i/ para acentuar mais a forma de falar, que tem o sotaque do campo.

b) Sim, essa variante é típica do interior brasileiro e é indicativo da cultura nacional, caracterizando o nosso povo.

Comentários

Essa foi uma questão fácil, com um grande número de acertos. O item **a** era respondido simplesmente com o reconhecimento do recurso utilizado pelo autor nessa tirinha para caracterizar a fala das personagens, que foi a transcrição da fala na escrita. Ou seja, o autor reproduziu o modo de falar “caipira” na escrita, transgredindo a escrita padrão para representar essa fala peculiar. Alguns candidatos citaram apenas os “erros” encontrados na tirinha, como a troca e/ou a omissão de letras, mas não conseguiram perceber o que esses “erros” representavam, ou seja, o recurso encontrado pelo autor para representar a fala de seus personagens, e assim receberam apenas metade dos pontos deste item (vide exemplo abaixo da média). No item **b** perguntava-se se tal maneira de falar era exclusiva do mundo rural, esperando que os candidatos percebessem que tais ocorrências também são encontradas em outros ambientes, não sendo exclusivas do meio rural. Alguns candidatos responderam que tal modo de falar é exclusivo do meio rural, o que não foi considerado adequado. Foram consideradas inadequadas também as justificativas de que esses “erros” eram devidos à baixa escolaridade, à pobreza e similares, já que, independentemente da classe social e da escolaridade, muitas pessoas trocam, em certos contextos, o *e* pelo *i* na fala, por exemplo. Mas, de modo geral, os candidatos reconheceram que esse fenômeno não é uma exclusividade do ambiente rural e que nas cidades há muitas pessoas que falam da mesma maneira.

4. Em transmissão de um jornal noturno televisivo (RedeTV, 7/10/2008), um jornalista afirmou: “Não há uma só medida que o governo possa tomar.”

- a)** Considerando que há duas possibilidades de interpretação do enunciado acima, construa uma paráfrase para cada sentido possível de modo a explicitá-los.
- b)** Compare o enunciado citado com: *Não há uma medida que só o governo possa tomar*. O termo ‘só’ tem papel fundamental na interpretação de um e outro enunciado. Descreva como funciona o termo em cada um dos enunciados. Explique.

Resposta Esperada

a) (2 pontos)

Em relação ao primeiro enunciado, algumas das paráfrases que podem ser feitas para um dos sentidos são:

Não há medida alguma que o governo possa tomar.
Não há nenhuma medida que o governo possa tomar.

E para o outro, são:

Há mais de uma medida que o governo pode tomar.
Não há apenas uma medida que o governo possa tomar.

b) (2 pontos)

No primeiro enunciado – “Não há uma só medida que o governo possa tomar” –, o termo só modifica (focaliza) *medida*. É importante observar que as diferentes interpretações indicadas no item **a** são resultantes da relação de só também com o artigo indefinido e a negação.

Já no segundo enunciado – “Não há uma medida que só o governo possa tomar” –, o termo só modifica o *governo*, sendo possível substituí-lo por *apenas* ou *exclusivamente*, o que possibilita os seguintes sentidos: ‘não há uma medida que o governo possa tomar sozinho’ ou ‘há medidas que outros, além do governo, podem tomar’. Assim como no primeiro enunciado, é na relação do termo só com a negação que essas interpretações são possíveis.

Espera-se que o candidato, ao descrever esse funcionamento, perceba que a abrangência da modificação de só é diferente em um e outro enunciado, pois se trata de um termo que afeta muito especificamente um dado elemento ou expressão do enunciado, focalizando-os. Ou seja, o só tem um alcance preciso sobre parte do enunciado.

Exemplo Acima da Média

a) - Não existe nenhuma medida que o governo possa tomar
- Há mais de uma medida que o governo possa tomar

b) No primeiro enunciado, o termo “só” é relacionado à palavra “medida”, portanto, entende-se que ou não existem medidas, ou existe mais de uma. No segundo enunciado, o termo “só” é relacionado ao governo. Entende-se nesse caso que o governo não é o único órgão que tem que tomar uma medida.

Exemplo Abaixo da Média

a) Um primeiro sentido para afirmação do jornalista é que não existe apenas uma providência, a qual o governo possa escolher para reparar o problema; o outro sentido seria de que o governo é incapaz de resolver os problemas, ou seja, não há solução para o problema.

b) No primeiro enunciado, o termo “só” liga-se a palavra “medida”, enquanto no segundo enunciado esse mesmo termo liga-se a palavra governo.

Comentários

A construção de duas paráfrases explicitando os dois sentidos da frase do telejornal respondia ao item **a**. Assim, frases como “Não há nenhuma medida que o governo possa tomar” e “Há mais de uma medida que o governo possa tomar” distinguem os dois sentidos. A maior dificuldade dos candidatos neste item foi o conceito de paráfrase. Alguns, ao invés de construírem frases similares que permitissem a diferenciação entre as duas leituras, explicaram os dois sentidos possíveis, contrariando claramente o enunciado da questão (como ilustra o exemplo abaixo da média). Outra dificuldade foi em relação ao limite da paráfrase, já que algumas respostas modificaram muito a estrutura da frase original, descaracterizando a paráfrase. Outro equívoco foi interpretar o sentido da palavra *medida* como tamanho (número de roupa) ou dose (de bebida), o que gerou paráfrases totalmente equivocadas. Já o esperado no item **b** era o reconhecimento da importância do termo só nas duas frases, pois, de sua posição e da palavra à qual estivesse relacionado dependeriam as diferentes interpretações para as duas sentenças. Na primeira frase, só se relaciona à palavra *medida*, possibilitando a ambigüidade já discutida no item **a**. Na segunda frase, só está modificando a palavra *governo*, o que dá uma interpretação diferente da primeira sentença, dessa vez o foco recaindo sobre quem seria o responsável pela tomada de medidas, e não sobre a quantidade delas. Essa foi uma questão de dificuldade mediana, com muitos candidatos obtendo apenas parte dos pontos possíveis.

5. Calvin é personagem de uma conhecida tirinha americana traduzida para várias línguas.



- A primeira tira é uma tradução portuguesa e a segunda, uma tradução brasileira. Dê um exemplo de uma diferença **sintática** entre a tradução do português europeu e a do português brasileiro. Descreva essa diferença.
- Explique a diferença de sentido entre os verbos *ter* e *haver* em “Tem que haver um jeito melhor de fazer ele comer!”, na segunda tirinha.

Resposta Esperada

a) (2 pontos)

Normalmente, considera-se que as diferenças entre o português falado na Europa e o falado no Brasil são meramente lexicais ou, quando muito, fonológicas. A questão pretende que o candidato seja capaz de detectar diferenças sintáticas entre as duas línguas, que, de forma alguma, devem ser caracterizadas, respectivamente, como norma culta (a tradução lusitana) e forma coloquial ou não normativa (a tradução brasileira). São vários os exemplos de diferenças sintáticas encontradas na comparação entre as duas tiras. Não se espera que o candidato utilize metalinguagem, mas que, antes de tudo, seja capaz de apontar e descrever as diferenças. Agruparemos alguns exemplos das possíveis diferenças a serem apontadas e as descreveremos em seguida.

Grupo 1

Não vou comer vs. *eu não vou comer;*
é um prato de lixo tóxico vs. *isso é uma pasta tóxica;*
se o comeres vs. *se você comer;*
já sinto os efeitos vs. *eu sinto.*

Nos casos acima, no português brasileiro o sujeito é sempre expresso lexicalmente na sentença, diferentemente do que ocorre no português europeu.

Grupo 2

se o comeres vs. *se você comer.*

Nesse caso, o português europeu retoma o antecedente *mistela verde* pelo pronome *o*, enquanto o português brasileiro deixa o complemento do verbo *comer* sem nenhuma retomada lexical para *coisa verde*. Ainda no exemplo acima, há a diferença entre o uso da segunda pessoa do discurso marcada morfológicamente no verbo em português europeu (*se [tu] comeres*), enquanto no português brasileiro o mais usual é o uso de *você*, com o verbo na terceira pessoa (*se você comer*).

Grupo 3

que te transformará vs. *que irá te transformar*

Nesse exemplo, é importante perceber que o português brasileiro, diferentemente do europeu, marca o futuro com o uso de dois verbos (forma analítica). Ainda no exemplo acima, há a diferença de posição do *te* em português europeu, como proclítico ao verbo em razão do *que*, e como proclítico ao infinitivo no português brasileiro.

Grupo 4

de o pôr a comer vs. *de fazer ele comer*

Aqui a oposição se dá no uso do pronome que retoma *Calvin*. Na fala, geralmente não se encontram, no português brasileiro, as formas oblíquas (*o*), mas as retas (*ele*).

Nesse caso específico é importante salientar que há uma diferença de estrutura resultante da opção de tradução pelos verbos *pôr* e *fazer*. No caso do português europeu, o pronome é o complemento direto do verbo [*pôr* X [a comer]]. No caso do português brasileiro, temos os chamados "sujeitos acusativos", ou seja, o pronome é sujeito da sentença subordinada, mas igualmente objeto do verbo da sentença principal [*fazer* [X comer]].

b) (2 pontos)

Espera-se que o candidato perceba que o verbo *ter*, nesse caso específico, é parte da expressão *tem que*, cujo sentido é o de 'ter obrigação de', 'ser preciso', 'ser necessário', 'dever'. Por outro lado, o verbo *haver* tem o sentido de 'existir'.

Exemplo Acima da Média

a) A tradução do português europeu utiliza mais o sujeito oculto, como em "Não vou comer", no primeiro quadrinho, já a brasileira explicita o sujeito, como em "Eu não vou comer", no mesmo quadrinho.

b) O verbo "ter" tem o sentido de "dizer", já o verbo "haver" tem o sentido de "existir".

Exemplo Abaixo da Média

a) A diferença entre a tradução do português europeu e a do português brasileiro, é que a europeia dá um sentido de uma linguagem mais formal, mais culta enquanto a brasileira mesmo estando na forma correta, é mais informal.

b) A diferença é que o verbo haver está no sentido de existir e o tem no sentido de ter.

Comentários

O primeiro passo para responder ao item **a** era escolher uma diferença entre as duas tirinhas que só poderia ser sintática, o que ficou claro no enunciado da questão. Assim, diferenças lexicais como a diferença entre os termos *mistela* e *coisa* e diferenças morfológicas (como os pronomes *tu* e *ocê*), não foram consideradas. Outras respostas também não consideradas foram as que apenas transcreveram trechos da tirinha, sem possibilitar a identificação da diferença (se sintática ou não) e sem sua devida explicação. Outro erro cometido foi afirmar que o português europeu era mais formal ou mais correto do que o português brasileiro. Para receber os pontos totais desse item, o candidato deveria indicar uma diferença sintática entre as duas traduções e explicá-la. Várias eram as possibilidades, como o uso do sujeito ou do tempo verbal futuro dentre outros, explicitados na resposta esperada. O item **b** pedia os sentidos dos verbos *ter* e *haver* em uma frase retirada da tirinha brasileira. O item foi respondido acertadamente pela maioria dos candidatos, bastando afirmar que o verbo *tem* é usado no sentido de 'ser preciso' e o verbo *haver*, no sentido de 'existir'. Alguns candidatos atribuíram ao *tem* o sentido literal do verbo 'ter' (vide exemplo abaixo da média), o que não esclarecia o sentido da palavra. Essa questão pode ser considerada fácil, com um bom número de respostas certas.

6. Encontram-se, abaixo, a transcrição de parte de uma transmissão de jogo de futebol, trecho de uma canção e uma manchete de notícia.

<p>TEXTO 1</p> <p><i>Na marca de 36 minutos do primeiro tempo do jogo, pode abrir o marcador o time da Itapireense. A Esportiva precisa da vitória. Tomando posição o camisa 9 Juary. É a batida de penalidade máxima. Faz festa a torcida. Fica no centro do gol o goleiro Cléber. Partiu Juary com a bola para a esquerda, tocou, é gol. Gol da Esportiva! E o Mogi Mirim tem posse de bola agora, escanteio pela direita. 39 minutos, Juan na cobrança do escanteio para o Mogi Mirim, chutou, cruzou, cabeceia Anderson Conceição e é gol.</i></p> <p><i>Foi aos 39 minutos do primeiro tempo, Juan pra cobrança do lado direito, subiu, desviou de cabeça o zagueiro Anderson Conceição, bola pro fundo da rede do goleiro Brás da Itapireense. Cutucou pro fundo da rede Anderson Conceição, camisa 4.</i></p> <p><small>(Transcrição adaptada de trecho da transmissão da partida entre Mogi Mirim Esporte Clube e Itapireense em 04/10/2008. Disponível no Podcast “Mogi Mirim Esporte Clube”, em www.mogimirim.com.br)</small></p>	<p>TEXTO 2</p> <p>“Cotidiano” (Chico Buarque)</p> <p><i>Todo dia ela faz Tudo sempre igual Me sacode Às seis horas da manhã Me sorri um sorriso pontual E me beija com a boca De hortelã (...)</i></p> <p>TEXTO 3</p> <p>“Presidente visita amanhã a Estação Antártica” <i>(Imprensa Nacional, em www.in.gov.br, 15/02/2008)</i></p>
--	--

- a) Nos três textos ocorrem verbos no tempo presente. Entretanto, seu uso descreve as ações de formas diferentes. Compare o uso do presente nos textos **1** e **2**, e mostre a diferença. Faça o mesmo com os textos **2** e **3**. Explique.
- b) O encadeamento narrativo do texto **1** é construído pela alternância entre verbos no presente e no passado. Justifique a presença exclusiva do passado no último parágrafo, considerando que se trata de uma transmissão de jogo de futebol.

Resposta Esperada

a) (2 pontos)

Espera-se que o candidato seja capaz de perceber que o modo como um evento se desenrola no tempo não tem a ver, exclusivamente, com a forma verbal.

Comparação entre Textos **1** e **2**:

No caso da narração esportiva, o uso do presente apresenta uma coincidência entre o tempo em que o enunciado é dito e o tempo em que o evento ocorre. Trata-se, portanto, da descrição de um evento em tempo real.

No caso da letra de música *Cotidiano*, os enunciados indicam ação habitual; portanto, apesar de a forma verbal estar no presente, marca uma ação que ocorreu antes do enunciado e que se repete.

Comparação entre Textos **2** e **3**:

A habitualidade, já comentada, que se encontra na letra de música, contrasta com o que ocorre na manchete de notícia, em que a ação, embora relatada no tempo presente, refere-se ao futuro.

b) (2 pontos)

No texto **1**, normalmente, o tempo presente coincide com o evento descrito e o passado, com a retomada de um evento há pouco ocorrido. O candidato deverá notar que, por se tratar de uma transmissão radiofônica de jogo de futebol, a oscilação em relação ao tempo se deve, sobretudo, pela necessidade de descrição de ações concomitantes à própria narração e a retomada de ações. No último parágrafo, há uso exclusivo do tempo passado porque o locutor do jogo retoma a descrição do gol já ocorrido.

Exemplo Acima da Média

a) Nos textos 1 e 2, a grande diferença é que no texto 1, os eventos são narrados no momento em que ocorrem, por isso o uso do presente, já no texto 2, o uso do presente indica uma ação repetida diariamente. Assim como no texto 2 há essa interpretação de ação repetida diariamente, no texto 3 existe a interpretação de uma ação futura.

b) A presença exclusiva do passado no último parágrafo significa que a narrativa do jogo está descrevendo como aconteceu o gol, com maiores detalhes, alguns instantes após a marcação do referido gol, já que no momento ele narrava o jogo em tempo real e por isso não teve tempo para um maior detalhamento.

Exemplo Abaixo da Média

a) O texto 1 apresenta várias frases sequenciadas sem conjunção ou outras conectivas, dando mais velocidade aos acontecimentos. O texto 2, apesar de os fatos ocorrerem em um menor espaço de tempo em relação ao 1, sua construção mais descritiva os torna mais lentos. Já o texto 3, como o verbo no presente está empregado para uma ação que ocorrerá no futuro, não há muita descrição dos acontecimentos como no texto 2.

b) O locutor está retomando o fato que ele acabou de narrar ou seja, que o gol aconteceu, como um "replay" nas transmissões televisivas, retomando necessária a utilização dos verbos no passado a fim de destacar isso.

Comentários

Além de reconhecer a finalidade do uso do tempo presente em cada um dos textos, o candidato precisava comparar os usos entre os textos para ter a nota máxima no item **a**, conforme solicitado pelo enunciado. Assim, no texto 1 o presente narra fatos ocorridos no mesmo momento da fala, enquanto o texto 2 narra fatos ocorridos todos os dias. Já no texto 3 havia a menção a um fato futuro, diferentemente da repetição encontrada no texto 2. É importante ressaltar que o foco da questão era o tempo verbal presente, e não outros aspectos até existentes nos textos, mas que fugiam ao foco da questão. Assim, respostas que tratavam da velocidade dos fatos no texto 1, do lirismo existente no texto 2, do fato de o texto 3 ser uma manchete jornalística, etc., não eram adequadas. Alguns candidatos limitaram-se a descrever o uso do presente em cada um dos textos, sem compará-los, o que impediu a atribuição dos pontos completos neste item. O esperado para o item **b** era que o candidato percebesse a peculiaridade de se transmitir um jogo de futebol, em que existe a necessidade da alternância entre os tempos pretérito e presente. No último parágrafo, o locutor narra um fato já ocorrido, o gol. Nesse momento usa o passado, pois retoma o evento que havia narrado instantes atrás. Já na primeira vez que narra o gol utiliza o presente, pois a ação era simultânea ao momento em que o evento estava sendo narrado. Essa foi uma questão mediana, com os candidatos revelando maior dificuldade no item **b**.

7. Na seguinte cena do *Auto da Barca do Inferno*, o Corregedor e o Procurador dirigem-se à Barca da Glória, depois de se recusarem a entrar na Barca do Inferno:

<p>Corregedor Ó arrais dos gloriosos, passai-nos neste batel!</p> <p>Anjo Ó pragas pera papel, pera as almas odiosos! Como vindes preciosos, sendo filhos da ciência!</p> <p>Corregedor Ó! <i>habeatis</i> clemência e passai-nos como vossos!</p> <p>Joane (Parvo) Hou, homens dos breviairos, <i>rapinastis coelhorum</i> <i>et perniz perdiguitorum</i> e mijais nos campanairos!</p> <p>Corregedor Ó! Não nos seiais contrairos, Pois nom temos outra ponte!</p> <p>Joane (Parvo) <i>Beleguinis ubi sunt?</i> <i>Ego latinus macairos.</i></p>	<p>pera: para</p> <p><i>habeatis</i>: tende</p> <p>homens dos breviairos: homens de leis <i>Rapinastis coelhorum</i>/Et <i>perniz perdiguitorum</i>: Recebem coelhos e pernas de perdiz como suborno</p> <p><i>Beleguinis ubi sunt?</i>: Onde estão os oficiais de justiça? <i>Ego latinus macairos</i>: Eu falo latim macarrônico</p>
--	--

(Gil Vicente, *Auto da Barca do Inferno*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1996, p. 107-109.)

- a) De que pecado o Parvo acusa o homem de leis (Corregedor)? Este é o único pecado de que ele é acusado na peça?
- b) Com que propósito o latim é empregado pelo Corregedor? E pelo Parvo?

Resposta Esperada

a) (2 pontos)

O Corregedor é acusado de corrupção na passagem em que o Parvo se refere ao fato de ele receber subornos, “presentes”, “propinas”, “agrados”, “pequenos mimos” tais como coelhos e pernas de perdizes. Além disso, o Corregedor é acusado, na peça, de ser desrespeitoso (mijar nos campanários), injusto com relação aos desfavorecidos, preguiçoso e adúltero, pecados pelos quais é condenado a seguir com o Diabo na Barca do Inferno.

b) (2 pontos)

Por se tratar de língua da tradição dos bacharéis, o latim é empregado pelo Corregedor como símbolo de distinção e prestígio, tal como a vara e os processos que ele carrega nas mãos. Na verdade, no contexto em que os termos latinos são empregados indistintamente pelo Corregedor como sinal de afetação, arrogância, superioridade e status social, pode-se observar uma certa ironia por parte de Gil Vicente, a qual se explicitará na fala do Parvo. O Parvo se expressa em latim para ridicularizar e ironizar a postura dos magistrados. Chega a admitir essa intenção, ao afirmar que seu latim é macarrônico.

Exemplo Acima da Média

a) O Parvo acusa o Corregedor de receber suborno para emitir sentenças favoráveis, mas durante a peça ele também é acusado de prejudicar os pobres em suas decisões judiciais e utilizar os serviços de cafetina de Brísida Vaz.

b) O latim é empregado pelo Corregedor com o propósito de impressionar o Anjo e conseguir entrar na Barca do céu enquanto o Parvo utiliza o latim para ironizar e acusar o Corregedor.

Exemplo Abaixo da Média

a) O parvo acusa o corregedor de aceitar subornos para não cumprir a lei e este é o único pecado em que é acusado.

b) É empregado com o propósito de deixar o Parvo confuso, ao pensar que este não sabia latim. O Parvo utiliza o latim para mostrar que não é facilmente enganado e que é tão sábio quanto o Corregedor.

Comentários

No item **a** o candidato deveria, além de identificar o pecado de suborno praticado pelo Corregedor, apontar também o outro pecado do qual a personagem citada foi acusada durante a peça. Dificilmente os candidatos deixaram de indicar o primeiro pecado: suborno. No que diz respeito ao outro pecado, as respostas foram bastante variadas: desrespeito aos mandamentos da igreja, heresia, adultério (por usufruir dos serviços de Brísida Vaz), injustiça, desonestidade, falta de ética, falta de profissionalismo, ou sinônimos. O principal era que o candidato percebesse que o Corregedor foi acusado na peça de Gil Vicente de vários deslizes cometidos no exercício de sua função e em sua conduta moral como um todo. Alguns candidatos, no entanto, entenderam que a resposta para a segunda parte do item **a** deveria ser positiva (sim, suborno é o único pecado do qual o Corregedor foi acusado na peça – vide exemplo abaixo da média), o que foi um equívoco relativamente recorrente nesse item.

No item **b**, deveria ficar claro na resposta do candidato que a intenção do Corregedor é demonstrar sua condição de homem de leis – o latim visto como língua do direito – e que, por isso, ele deveria ser tratado de maneira diferenciada pelo Anjo e ser conduzido à barca que se dirigia ao Paraíso. O Parvo, por sua vez, usa o latim a fim de satirizar o Corregedor e sua tentativa de mostrar-se superior através da linguagem. Foi um equívoco bastante comum entre os candidatos identificar o latim como língua oficial da igreja, afirmando que o Corregedor estaria usando tal idioma de modo a convencer o Anjo – através daquela que seria sua linguagem própria – a levá-lo para a Barca da Glória. Esse tipo de resposta, embora muito recorrente, não se mostra adequado, uma vez que em nenhum momento o latim é usado pelo Anjo na peça como língua de autoridade da igreja. E, no momento em que o Parvo aparece deturpando a língua latina – chamado por ele mesmo de “latim macarrônico” –, fica claro que a razão para o uso dessa linguagem nada tem a ver com uma crítica ou exaltação específica à religião, mas sim com uma clara ironia contra aqueles que tentam usar essa língua como forma de distinção e poder.

8. Leia, abaixo, a letra de uma canção de Chico Buarque inspirada no romance de José de Alencar, *Iracema – uma lenda do Ceará*:

Iracema voou Iracema voou Para a América Leva roupa de lã E anda lépida Vê um filme de quando em vez Não domina o idioma inglês Lava chão numa casa de chá	Tem saído ao luar Com um mímico Ambiciona estudar Canto lírico Não dá mole pra polícia Se puder, vai ficando por lá Tem saudade do Ceará Mas não muita Uns dias, afoita Me liga a cobrar: – É Iracema da América
--	--

(Chico Buarque, *As Cidades*. Rio de Janeiro: Marola Edições Musicais Ltda., 1998.)

- a) Que papel desempenha Iracema no romance de José de Alencar? E na canção de Chico Buarque?
- b) Uma das interpretações para o nome da heroína do romance de José de Alencar é de que seja um anagrama de *América*. Isto é, o nome da heroína possui as mesmas letras de *América* dispostas em outra ordem. Partindo dessa interpretação, explique o que distingue a referência à América no romance daquela que é feita na canção.

Resposta Esperada

a) (2 pontos)

No romance de José de Alencar, Iracema é a heroína romântica. Ela desempenha o papel de sacerdotisa ou vestal dos Tabajaras, que detém o segredo da jurema. Além disso, ela pode ser considerada a própria representação da natureza virgem dos trópicos, que será possuída pelo colonizador europeu, o português Martim, com quem terá um filho. Já na canção de Chico Buarque, Iracema desempenha o papel de uma imigrante que vive nos Estados Unidos em condições ilegais, escondendo-se da polícia e trabalhando na limpeza de estabelecimentos comerciais para sobreviver. Como imigrante ilegal, a Iracema de Chico Buarque vive à margem da sociedade norte-americana. Trata-se, em suma, de uma visão rebaixada de um dos grandes mitos nacionais do nosso romantismo.

b) (2 pontos)

No romance, a América pode ser associada ao Novo Mundo, às terras descobertas pelo português na América do Sul ou, mais especificamente, no Brasil. Na canção de Chico Buarque, América alude aos Estados Unidos (América do Norte), para onde Iracema, como, aliás, muitos outros brasileiros por ela representados, “voou” em busca de trabalho e sobrevivência.

Exemplo Acima da Média

(a) Iracema é uma vestal, a virgem de Tupã, e filha do peixe Araqueim. Ela representa o indígena na fundação do povo brasileiro e sua beleza reflete a beleza da natureza, sendo esta uma marca de nacionalismo por parte de Alencar.

Na canção de Chico Buarque, Iracema é uma imigrante ilegal que mora nos Estados Unidos, e é de origem brasileira, de modo mais específico, do Ceará!

(b) No romance de Alencar, "América" faz referência ao Brasil, visto que a narrativa evidencia uma busca por uma identidade nacional por parte do autor. O nacionalismo é uma característica marcante no livro.

Na canção, a palavra "América" faz referência aos Estados Unidos da América.

Exemplo Abaixo da Média

a) A Iracema do romance desempenha o papel de protagonista a história e a Iracema da canção também é protagonista dos fatos narrados na canção.

b) "América" no romance significa o continente americano, já "américa" na canção significa os Estados Unidos da América.

Comentários

Era fundamental que o candidato indicasse, no item **a**, elementos que mostrassem conhecimento sobre o enredo do romance *Iracema*, indicando algum papel que a protagonista represente no romance: é uma vestal, virgem de Tupã, que guarda o segredo da Jurema, que se uniu ao europeu Martim para dar origem a Moacir – o primeiro brasileiro fruto da união entre o conquistador e o índio. Quanto à Iracema de Chico Buarque, a questão da imigração ilegal e o fato de essa imigração ter como destino os Estados Unidos eram elementos imprescindíveis que também deveriam estar presentes nas respostas dos candidatos. Respostas genéricas, que só mencionavam Iracema como "protagonista", no caso do romance, ou como "imigrante", no caso da canção, não foram consideradas corretas.

No item **b**, o candidato tinha que identificar as duas Américas citadas no romance e na canção: a primeira, do romance, referindo-se mais especificamente ao Brasil, e a segunda, da canção, referindo-se aos Estados Unidos da América. Difícilmente houve candidatos que não percebessem que a América de Chico Buarque era uma referência aos Estados Unidos, porém, um equívoco bastante comum nesse item foi entender a América citada no romance de Alencar como todo o continente americano. Esse tipo de resposta não foi considerado adequado, uma vez que se trata de um romance no qual o Brasil é elemento essencial e remeter-se a todo o continente americano não fazia parte do projeto nacionalista de José de Alencar.

9. Leia o seguinte capítulo do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis:

Capítulo XL

Uma égua

Ficando só, refleti algum tempo, e tive uma fantasia. Já conheceis as minhas fantasias. Conteí-vos a da visita imperial; disse-vos a desta casa do Engenho Novo, reproduzindo a de Matacalavos... A imaginação foi a companheira de toda a minha existência, viva, rápida, inquieta, alguma vez tímida e amiga de empacar, as mais delas capaz de engolir campanhas e campanhas, correndo. Creio haver lido em Tácito que as éguas iberas concebiam pelo vento; se não foi nele, foi noutra autor antigo, que entendeu guardar essa credence nos seus livros. Neste particular, a minha imaginação era uma grande égua ibera; a menor brisa lhe dava um potro, que saía logo cavalo de Alexandre; mas deixemos de metáforas atrevidas e impróprias dos meus quinze anos. Digamos o caso simplesmente. A fantasia daquela hora foi confessar a minha mãe os meus amores para lhe dizer que não tinha vocação eclesiástica. A conversa sobre vocação tornava-me agora toda inteira, e, ao passo que me assustava, abria-me uma porta de saída. «Sim, é isto, pensei; vou dizer a mamãe que não tenho vocação, e confesso o nosso namoro; se ela duvidar, conto-lhe o que se passou outro dia, o penteado e o resto...»

(*Dom Casmurro*, em Machado de Assis, *Obra Completa em quatro volumes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008: p. 975.)

- Explique a metáfora empregada pelo narrador, neste capítulo, para caracterizar sua imaginação.
- De que maneira a imaginação de Bentinho, assim caracterizada, se relaciona com a temática amorosa neste capítulo? E no romance?

Resposta Esperada

a) (2 pontos)

Nesse capítulo, o narrador compara sua imaginação às éguas iberas. A metáfora empregada pelo narrador indica que sua imaginação corre livre e solta. É também fértil e ambiciosa, porque diante da “menor brisa lhe dava um potro, que saía logo cavalo de Alexandre”. Desse modo, a metáfora utilizada sugere que a natureza imaginativa do narrador permite que supostos indícios se transformem rapidamente em verdades.

b) (2 pontos)

A metáfora da égua ibera remete à natureza fantasiosa do narrador, Bento Santiago, que, no capítulo citado, recorre à imaginação para escapar da carreira eclesiástica. Como justificativa para a falta de vocação religiosa, imagina confessar à mãe, a devota D. Glória, seu relacionamento amoroso às escondidas com Capitu. No romance, a imaginação fecunda de Bento Santiago justifica a hipótese de adultério, fazendo crescer o ciúme, que sustenta a acusação e condenação de Capitu sem provas concretas.

Exemplo Acima da Média

a) O narrador, Bentinho, compara sua imaginação a uma crença de que éguas ibéricas ~~concedo~~ concediam pelo vento. Segundo ele, sua imaginação era como uma "égua ibérica", que à menor oportunidade (~~brisa~~ "brisa"), logo ~~com~~ concedia uma fantasia ("potro"), que crescia progressivamente ("que saía logo cavalo de Alexandre").

b) Neste capítulo, a imaginação de Bentinho permite que ele veja uma saída para seu problema: confessar à sua mãe que era apaixonado por Capitu, ~~de~~ de modo que não iria para o seminário! No romance, a imaginação de Bentinho faz com que ~~desconfie~~ desconfie de uma eventual ~~tração~~ traição de Capitu, levando-o a buscar provas de adultério em fatos cotidianos. Dessa forma, Bentinho deixa, para o leitor, a grande incógnita da obra: se Capitu ~~tem~~ havia ou não sido infiel a ele.

Exemplo Abaixo da Média

a) A metáfora empregada pelo narrador é quando ele diz que a imaginação era uma grande égua ibérica, a menor brisa lhe dava um potro, que saía logo cavalo de Alexandre. O narrador quis dizer que sonhava com uma mulher, que lhe dava um filho que se tornava logo, um grande homem.

b) A imaginação de Bentinho, se relaciona com a temática amorosa neste capítulo quando ele cria metáforas, e fica imaginando os acontecimentos, quando vai contar a sua mãe o que aconteceu no outro dia. Já no romance, Bentinho dá tanta razão a sua imaginação que fica ~~(ele)~~ supondo acontecimentos, muitas vezes sem fundamentos.

Comentários

No item **a**, o candidato deveria explicar o sentido da comparação entre as éguas iberas e a imaginação de Bentinho: ambas férteis e cuja concepção, além de rápida e fácil, produzia grandes frutos (“cavalo de Alexandre” = grandes idéias). Nesse item, um número considerável de candidatos acabou imaginando que a égua do título seria uma referência maldosa a Capitu. A maioria, porém, entendeu o sentido da metáfora e aplicou-a à imaginação de Bentinho.

No item **b**, era necessário relacionar a imaginação de Bentinho ao evento narrado no capítulo e ao livro *Dom Casmurro* como um todo. No capítulo, através de sua imaginação, Bentinho se via em condições de finalmente evitar sua ida ao seminário, contando a sua mãe sobre o relacionamento com Capitu. Obrigatoriamente deveriam ser mencionados esses dois elementos: a fuga da obrigação de ir ao seminário e o relacionamento com Capitu. Na segunda parte da resposta, deveria ser feita a relação entre a imaginação fértil de Bentinho e a certeza que o protagonista tinha da traição de sua esposa. Não há, no texto de Machado, qualquer evidência de que Capitu tivesse, de fato, traído o marido; no entanto, sendo o narrador Bento Santiago e, tendo este uma imaginação fértil e capaz de transformar pequenos fatos em grandes eventos, cada ato da esposa era visto como uma prova de sua traição. Poucos candidatos tiveram dificuldade para responder corretamente ao item **b**.

10. No poema abaixo, Alberto Caeiro compara o trabalho do poeta com o do carpinteiro:

<p>XXXVI</p> <p>E há poetas que são artistas E trabalham nos seus versos Como um carpinteiro nas tábuas! ...</p> <p>Que triste não saber florir! Ter que pôr verso sobre verso, como quem constrói um muro E ver se está bem, e tirar se não está! ... Quando a única casa artística é a Terra toda Que varia e está sempre bem e é sempre a mesma.</p>	<p>Penso nisto, não como quem pensa, mas como quem respira, E olho para as flores e sorrio... Não sei se elas me compreendem Nem se eu as compreendo a elas, Mas sei que a verdade está nelas e em mim E na nossa comum divindade De nos deixarmos ir e viver pela Terra E levar ao colo pelas Estações contentes E deixar que o vento cante para adormecermos E não termos sonhos no nosso sono.</p>
---	---

(*Poemas completos de Alberto Caeiro*, em Fernando Pessoa. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983, p.156.)

- a)** Por que tal comparação é feita? Por que ela é rejeitada pelo eu lírico na segunda estrofe do poema?
- b)** Identifique duas características próprias da visão de mundo de Alberto Caeiro presentes na terceira estrofe. Justifique sua resposta.

Resposta Esperada

a) (2 pontos)

O eu lírico compara o poeta ao carpinteiro por considerar que ambos são artesãos, que desempenham um ofício puramente braçal, técnico, repetitivo, calculado e monótono, “como quem constrói um muro”. Na segunda estrofe o eu lírico rejeita essa concepção racional de arte, em defesa de uma concepção artística que esteja em consonância com a natureza, na sua diversidade e harmonia.

b) (2 pontos)

Na terceira estrofe evidenciam-se características da poética de Caeiro, tais como: materialismo sensorial, recusa da metafísica e da razão, valorização da natureza (panteísmo). Essas características se expressam nos versos da terceira estrofe e em imagens como “penso como quem respira”, “olho para as flores e sorrio”, “E na nossa comum divindade”.

Exemplo Acima da Média

a) A comparação é feita como crítica aos poetas que criam versos através de um trabalho árduo, pensando demais vão criar um poema. O eu-lírico rejeita essa forma de escrever pois é um poeta de sensações, ou seja, escreve o que sente sem pensar demais em rimas, métrica e forma e seus poemas são criados com naturalidade, como respirar.

b) Em "Penso nisto, não como quem pensa, mas como quem respira", Alberto Caeiro rejeita a filosofia e outras formas de pensamento e usa "Sei que a verdade está nelas e em mim. E na nossa comum divindade", explicita que Deus está na natureza, ou seja, que Deus é a natureza, duas características da visão de mundo de Alberto Caeiro.

Exemplo Abaixo da Média

a) Pois o trabalho do poeta é como o do carpinteiro, verso por verso, estrofe por estrofe, assim como o carpinteiro faz com as madeiras, lixa e corta, uma por uma. Pois ele fala que o trabalho do poeta talvez seja mais difícil do que o (trabalho) carpinteiro, que tem como coisa artística, a terra.

b) Primeira característica: o seu encantamento com a natureza. Segunda característica: o gênero poético.

Comentários

No item **a**, o candidato deveria explicar a comparação feita entre o carpinteiro e o poeta: ambos realizam um trabalho braçal, mecânico, em que a perfeição é buscada em cada detalhe. A rejeição de Caeiro a esse tipo de procedimento poético comparável ao trabalho do carpinteiro ocorre exatamente porque, para este heterônimo de Fernando Pessoa, o fazer poético deve ser espontâneo, natural e não medido, milimetrado e pensado como se fosse um móvel ou um muro. Para serem consideradas corretas, as respostas tinham que contemplar, obrigatoriamente, esses dois aspectos – a explicação da comparação e a sua rejeição. Em alguns casos, a não explicação da rejeição ocorreu porque o candidato não percebeu que a comparação (entre poeta e carpinteiro) não era lisonjeira (essa confusão foi gerada pela presença do termo "artistas" no início do poema, palavra vista pelos candidatos como algo positivo). Para esses candidatos, o eu lírico estaria elogiando o trabalho dos dois "artesãos" e essa é uma leitura bastante inadequada do poema.

No item **b**, o candidato deveria elencar características típicas da poética de Caeiro que estivessem presentes no poema em questão (recusa da metafísica, panteísmo, anti-racionalismo). Era necessário indicar, no poema, em quais versos estariam presentes as características citadas. Os maiores equívocos nesse item ocorreram nas respostas de alguns candidatos que, tendo apenas decorado alguns aspectos da obra de Caeiro, citavam-nos, sem relacioná-los aos versos da terceira estrofe. Esse tipo de resposta não foi considerado adequado, uma vez que nesse caso não foi apresentada a justificativa para as características elencadas. Por não entendê-las realmente, o candidato não foi capaz de aplicá-las aos versos do poema.

11. Carlos Drummond de Andrade reescreve a famosa “Canção do exílio” de Gonçalves Dias, na qual o poeta romântico idealiza a terra natal distante:

<p>Nova canção do exílio</p> <p style="text-align: right;"><i>A Josué Montello</i></p> <p>Um sabiá na palmeira, longe. Estas aves cantam um outro canto.</p> <p>O céu cintila sobre flores úmidas. Vozes na mata, e o maior amor.</p> <p>Só, na noite, seria feliz: um sabiá, na palmeira, longe.</p>	<p>Onde tudo é belo e fantástico, só, na noite, seria feliz. (Um sabiá, na palmeira, longe.)</p> <p>Ainda um grito de vida e voltar para onde tudo é belo e fantástico: a palmeira, o sabiá, o longe.</p>
--	---

(A rosa do povo, em Carlos Drummond de Andrade, *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988, p.117.)

- a) Além de expatriação, a palavra *exílio* significa também “lugar longínquo” e “isolamento do convívio social”. Quais palavras expressam estes dois últimos significados no poema de Drummond?
- b) Como o eu lírico imagina o lugar para onde quer voltar?

Resposta Esperada

a) (2 pontos)

No poema de Carlos Drummond de Andrade, as palavras que expressam tais sentidos são “longe” e “só”, respectivamente.

b) (2 pontos)

O eu lírico idealiza um lugar “Onde tudo é belo/ e fantástico”, no qual é possível ser feliz. Uma espécie de utopia, local distante e distinto daquele em que se encontra e no qual se sente exilado, pois “as aves cantam/ um outro canto”. Esta utopia pode ser associada a uma terra natal da qual o eu lírico se sente distanciado; pode referir-se a um Brasil livre da censura e da ditadura de Getúlio Vargas ou a um outro lugar distante no tempo ou no espaço, em que ele possa ser feliz, ainda que sozinho.

Exemplo Acima da Média

a) “Lugar longínquo” pode ser expressado, no poema de Drummond, por “o longe”. “Isolamento do convívio social” é mencionado através de “só”.

b) O eu-lírico idealiza o lugar, em virtude de viver um período de guerra. O lugar é belo, fantástico, tem amor e vida, euforia, paradoxal ao momento que vive. O exílio desejado é utópico e anárquico de fantasia.

Exemplo Abaixo da Média

a) As palavras que expussem antes de seu último significado são: "Um sócio na palmeira, longe" e "Cuida um quito de vida e voltar" / "Vozes na mata, e o maior amor", respectivamente.

b) O eu-lírico imagina o lugar para onde quer voltar como sendo belo e fantástico ("voltar para onde tudo é belo e fantástico").

Comentários

De pouca dificuldade, o item **a** exigia que o candidato indicasse duas palavras em sua resposta: "longe" e "só", necessariamente nesta ordem, ou deixando claro que a primeira referia-se a "lugar longínquo" e a segunda a "isolamento do convívio social". Poucos candidatos não conseguiram atingir a resposta correta. Alguns, na dúvida, indicavam vários versos do poema, o que foi considerado incorreto, mesmo que dentre os vários versos fossem mencionadas as palavras adequadas.

No item **b**, o candidato deveria perceber, ao ler o enunciado da questão, que o verbo "imaginar" era essencial para organizar sua resposta: o lugar para o qual o eu lírico deseja voltar é idealizado, um lugar imaginado que, portanto, não é nenhum lugar físico específico, mas um local idílico, ideal. As referências ao momento histórico vivido por Drummond – Segunda Guerra Mundial, ditadura Vargas – como "lugares" de onde o eu lírico deseja fugir em busca de paz e tranquilidade também foram aceitas como leituras possíveis para o poema.

12. "Conversa de Bois", de Guimarães Rosa, narra acontecimentos de uma viagem no carro-de-bois, em que estão o carreador Agenor Soronho, Tiãozinho e o corpo de seu pai morto. O trecho abaixo reproduz um dos diálogos entre os bois:

- Que é que está fazendo o carro?
- O carro vem andando, sempre atrás de nós.
- Onde está o homem-do-pau-comprido?
- O homem-do-pau-comprido-com-o-marimbondado-na-ponta está trepado no chifre do carro...
- E o bezerro-de-homem-que-caminha-sempre-na-frente-dos-bois?
- O bezerro-de-homem-que-caminha-adiante vai caminhando devagar... Ele está babando água dos olhos...

("Conversa de Bois", em João Guimarães Rosa, *Sagarana*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979, p. 317.)

- a) Explique o sentido das expressões "bezerro-de-homem" e "babando água dos olhos". Relacione-as com o enredo.
- b) Explique a expressão "homem-do-pau-comprido-com-o-marimbondado-na-ponta". Que característica do carreador Agenor Soronho ela busca evidenciar?

Resposta Esperada

a) (2 pontos)

Em "Conversa de bois" de Guimarães Rosa, a expressão "bezerro-de-homem" refere-se a Tiãozinho, que é ainda uma criança com quem os bois se solidarizam. A expressão "babando água dos olhos" remete ao choro do menino. Tiãozinho chora devido à tristeza causada pela morte recente do pai. Sofre ainda pela vergonha que sente diante do comportamento da mãe, que mantinha um relacionamento amoroso com Agenor Soronho enquanto o marido estava acamado, e pelos maus-tratos a que é submetido por Agenor.

b) (2 pontos)

A expressão "homem-do-pau-comprido-com-o-marimbondo-na-ponta" utilizada na conversa dos bois remete a Agenor, que leva consigo um pedaço de madeira com que os fustiga e cuja pontada dolorosa faz lembrar a picada de um marimbondo. Essa imagem evidencia a violência e a exploração cruel do carreador Agenor, tanto em relação ao menino Tiãozinho, quanto em relação aos bois, que assumem a voz direta no trecho citado.

Exemplo Acima da Média

a) "bezerro-de-homem" significa "criança" e refere-se ao menino Tiãozinho; "bubando água dos olhos" significa "chorando" e refere-se ao choro do menino que acabara de perder o pai. Tiãozinho trabalha para Agenor Soronho, auxiliando na condução do carro de bois. Agenor Soronho tinha um caso com a mãe do menino, enquanto o pai deste era vivo, porém muito doente. O menino chora, não só pela morte, mas por toda essa situação.

b) Para fazer com que os bois andassem, Agenor batia neles com uma vara, um pau. Devido à dor, os bois tinham a sensação de terem sido picados por um marimbondo. O tamanho do objeto e a violência com que ele é usado evidenciam o lado agressivo e mau de Agenor, que maltrata não só os bois, como o próprio menino.

Exemplo Abaixo da Média

a) "bezerro-de-homem" significa criança, pois o bezerro seria a "criança-de-boi", que é Tiãozinho que está chorando ("bubando água dos olhos") pois seu pai morreu.

b) A expressão "homem-do-pau-comprido-com-o-marimbondo-na-ponta" representa o carreador Agenor Soronho que utilizava uma vara comprida com um prego na ponta para atirar os bois a andarem mais depressa.

Comentários

No item **a**, além de especificar o significado das expressões “bezerro-de-homem” – referindo-se a Tiãozinho – e “babando água dos olhos” – o mesmo que “chorar” –, era imprescindível que o candidato demonstrasse conhecimento do enredo do conto de Guimarães Rosa. Assim, dizer simplesmente que o menino chorava “devido à morte do pai” não era um modo adequado de contextualizar a cena, uma vez que outros elementos do enredo deveriam estar presentes na resposta: o fato de a mãe de Tiãozinho, enquanto o marido estava vivo e muito doente, ter um relacionamento amoroso com Agenor Soronho, cuja conduta incluía maus tratos a Tiãozinho. Era obrigatória a menção a pelo menos dois dentre estes elementos: morte do pai, traição da mãe, maus tratos por parte de Agenor Soronho. Como bem exemplifica a resposta acima da média, o que fazia o menino chorar era toda a situação que ele vivia naquele momento descrito pelo trecho.

No item **b**, a maior dificuldade foi explicar o significado da expressão “com-marimbondo-na-ponta”. Boa parte dos candidatos não entendeu que essa menção ao marimbondo estava relacionada ao ponto de vista dos bois, que comparavam a dor do instrumento de castigo de Soronho com a picada daquele inseto. Dificuldade menor houve no momento de responder à outra parte da questão – sobre o caráter agressivo de Agenor Soronho. Para caracterizar o carreador, foram aceitos, além do termo “agressivo”, outros como: “cruel”, “maldoso” e “impiedoso”.